

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 142 — Domingo, 26 de Fevereiro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

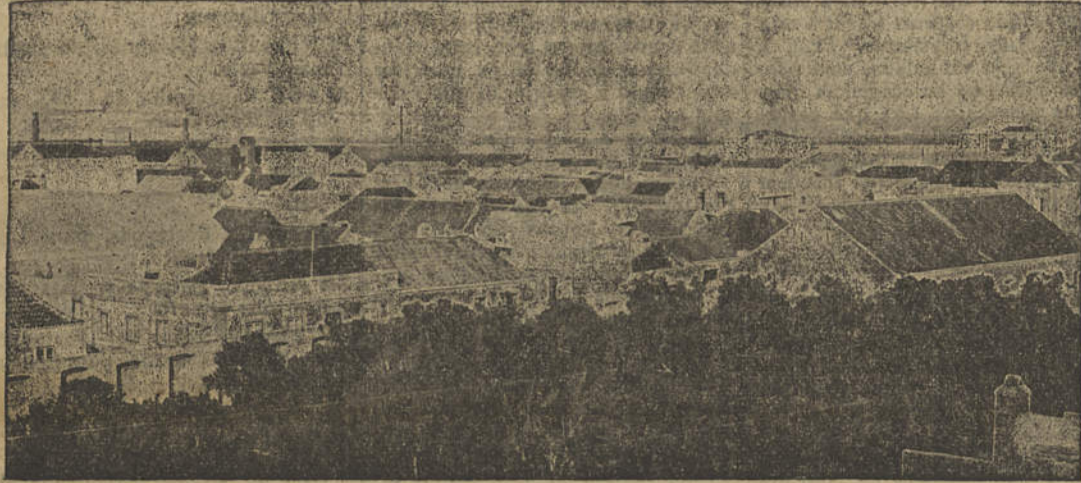
As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12

Depósito nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA



VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — Vista parcial

O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

em Vila Real de Santo António

AGRAVA-SE EM CADA DIA QUE PASSA, EXIGINDO QUE SE ENCARE A SUA SOLUÇÃO COM A MAIOR URGÊNCIA

As coisas que é impossível compreender por mais que um cérebro normal se dê ao trabalho de meditar sobre o problema que pretende estudar e explicar. Está neste caso o problema da falta de casas em Vila Real de Santo António. Dentro dos recursos do discernimento que pode facultar a massa cinzenta, não há possibilidades de um cérebro regularmente organizado encontrar explicação para o fenómeno. A única saída que a dedução nos permite é a mais desagradável possível e é preciso possuir-se alguma calma e uma certa porção de cortezia para não se dizer, com toda a crueza, a verdade a que se chega, depois da análise do problema.

E' aflitiva a crise de habitação na nossa terra. Mais

Dr. Alonso Vasques

Restabelecido da doença que durante algum tempo o manteve afastado dos seus afazeres, retomou as funções de presidente da Câmara Municipal desta vila, o sr. dr. Alonso Vasques, a quem endereçamos os nossos cumprimentos.

de quinze famílias de motoristas de traineiras cujos vencimentos andam por cerca de três contos mensais, vivem desconfortavelmente em quartos alugados. Cerca de quatro dezenas de operários das oficinas da C. P. — electricistas, motoristas, serralheiros, etc. — vivem em Faro e Olhão por não conseguirem casa em

Vila Real; muitas outras famílias andam por aí amontoadas em quartos, pagando 150\$00 e mais, por não obterem também alojamento. Foram agora adquiridas mais três traineiras para a frota local que deve ainda ser valorizada com mais duas traineiras de um novo armador. Pergunta-

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

SOBRE AS MINAS DE ALCOUTIM

MAIS UMA ACHEGA SOBRE O "PAXÁ SERTANEJO"

Pelo Eng. J. SILVA CARVALHO

MEU querido amigo e ilustre jornalista José Barão é, como já vos disse, um entusiasta por estas questões relacionadas com as minas do nosso Algarve. Desta maneira, não resisti à tentação de lhe dar o prazer de completar os seus apontamentos sobre a mina de Corte Pereira dando mais umas pinceladas no retrato do «paxá sertanejo» que nela imperou com artes de sultão rodeado de odaliscas. Depois, estes elementos pode ser venham a interessar a algum colecionador de notícias para a história da vila de Alcoutim. Atendendo a estas duas razões decidi-me à consulta de velhos papéis no arquivo da Direcção Geral de Minas. E daí apurei tudo o que se segue:

O primeiro documento que se

conhece sobre a mina de Corte Pereira tem a data de 31 de Março de 1859. Nesse papel selado Pedro José Rodrigues Teixeira, viúvo, de 49 anos, escrivão da Câmara de Alcoutim, e Domingos Dias Sequeira, viúvo, de 57 anos, lavrador, residente no monte de S. Martinho, declaram que «havendo descoberto na Herdade do Mosteiro uma mina de manganês e outra de antimónio no monte contíguo de S. Martinho junto à vila de Alcoutim» necessitam que o Governo mande verificar a existência das suas descobertas.

Há neste requerimento um facto curioso: Os descobridores, de certo por desconhecimento da lei, pediram o reconhecimento de duas minas sem terem feito o registo delas!

Ora, a ser verdade o que a tradição conta acerca do espanhol beberrão, que se viu esbulhado do segredo da descoberta do jazigo, não é evidentemente verosímil. Os tramites do pedido de concessão começaram por onde não deviam ter começado e em suma, o registo só teve lugar, 4 meses depois, em 1 de Agosto de

Apeadeiro do Guadiana

Começou já a concentração dos materiais para a construção do apeadeiro do Guadiana, melhoramento de absoluta necessidade, como por mais de uma vez temos demonstrado.

UM QUADRO

do Marquês de Pombal

na Sala Nobre dos Paços do Concelho

Foi colocada na sala nobre da Câmara Municipal desta vila, na passada quinta-feira, uma tela, de grandes dimensões, representando o Marquês de Pombal, o fundador da nossa terra.

O quadro é da autoria do distinto pintor de arte, nosso querido amigo e conterrâneo, sr. Joaquim Rebocho, e a sua aquisição foi da iniciativa do ilustre presidente do Município, dr. Alonso Vasques, a quem se deve uma notável acção no enriquecimento do património artístico de Vila Real de Santo António.

A esta obra de Joaquim Rebocho referir-nos-emos mais detalhadamente num dos próximos números.

EM AIAMONTE

BRILHANTE FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO INTELECTUAL LUSO-ESPANHOLA

NO passado dia 19, Domingo, foi Aiamonte cenário de um brilhante acto de confraternização luso-espanhola, em que tiveram a palavra os ateneístas de Sevilha e significadas personalidades intelectuais portuguesas.

O programa de extensão cultural que leva a cabo o Ateneu espanhol, teve como motivo fundamental estudar as mais interessantes facetas da vida de Al-Motamid, o rei árabe de Sevilhas que foi mais tarde rei de Sevilha, durante a dominação serracena na Península Ibérica.

A representação do Ateneu, à frente da qual vinha o seu presidente, D. Manuel Beca Mateo, e de que faziam parte personalidades das mais destacadas das letras sevilhanas, como os srs. D. José Andrés Vasquez, cronista oficial da provincia, o brilhante jor-

nalista D. José Montoto, o ilustre oftalmologista D. Rivas e os srs. Peres Embid, Aguado Barba, Calderón, Padura, Otero, Garcia e o consul de Portugal em Sevilha sr. dr. Oliveira da Silva, chegou a Aiamonte pelas 12,30 horas da manhã tendo sido recebidos pelo Alcaide desta cidade D. Narciso Martin Navarro; consul de Portugal em Aiamonte; dr. Garcia Domin-

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)

DR. EDUARDO BRASÃO

Assumi, há dias, as elevadas funções de Secretário Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, o sr. dr. Eduardo Brasão. Diplomata distintíssimo, com uma brilhante folha de Serviços prestados ao País, o novo Secretário Nacional de Informação, é, também, um escritor de invulgares méritos, servido por uma superior inteligência, que, nos diversos postos diplomáticos que tem ocupado no estrangeiro, realizou uma obra notável de expansão da cultura e das letras portuguesas.

Sucedeu este ilustre diplomata e escritor ao sr. dr. José Manuel da Costa, que deixa no S. N. I. uma obra valiosa, e foi agora chamado a exercer outras importantes funções na Presidência do Conselho, assumindo, também, recentemente, o cargo de director do «Diário da Manhã».

Ao sr. dr. Eduardo Brasão o «Notícias do Algarve» apresenta respeitosos cumprimentos de felicitações, e põe à sua disposição, e do departamento que dirige, os seus modestos préstimos.

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

“VIDA E MORTE DE ESPANHA NO SÉCULO XVI”

—TEMA DA CONFERÊNCIA QUE REALIZOU EM FARO

D. MANUEL GARCIA VIÑOLAS, ADIDO CULTURAL DA EMBAIXADA DE ESPANHA

NO Salão Nobre da Câmara Municipal de Faro, realizou-se, no passado dia 16 a anunciada conferência do sr. Garcia Viñolas, adido cultural da Embaixada de Espanha em Lisboa.

A sessão foi presidida pelo sr. governador civil do distrito, eng. Mascarenhas Gaivão, que tinha à direita o sr. consul de Espanha naquela cidade, D. Enrique Suarez de Puiga y Villegas, e, à esquerda, o sr. presidente da Câmara, dr. Luís Gordinho Moreira. Faziam igualmente parte da mesa os srs.: juiz corregedor, dr. Amadeu Varela Pinto; reitor do Liceu, dr. José Ascenso; presidente da Junta de Pro-

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)



FARO — Um lindo aspecto da capital algarvia

FEDERAÇÃO DOS GRÉMIOS DA LAVOURA DO ALGARVE

O sr. ministro das Corporações nomeou os srs. engenheiro-agrônomo Caetano José Ferreira Júnior e dr. Jaime Guerreiro Ruas, respectivamente, presidente e vice-presidente da Federação dos Grémios da Lavoura do Algarve.

COMISSÃO CENTRAL DE PESCARIAS

O sr. ministro da Marinha nomeou vogal da Comissão Central de Pescarias o nosso comprouvenciano sr. Domingos Sancho de Sousa Uva, como representante do Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha.

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Os que resistem

Viver sem flores é intolerável. Viver da humidade do subterrâneo. Sem raízes. Sem asas. Sem defesa.

Fui ao mercado e trouxe um braçado delas. Não sei o nome. Uns fiosinhos verdes a fazer de folhas e, na ponta da haste quase invisível, um ponto final de vermelho e de ternura. «E' rosmarinho» diz uma senhora. «Não — torna outra — é toirrega. Flores do campo, as únicas que resistem agora...»

Aperto-as a mim. As únicas que resistem agora... As únicas que resistem ao frio, à geada, à solidão... Um pontículo vermelho de ternura e de força. Como lhes quero bem! Sinto-me com a minha gente. E até chegar a casa, coração a coração, é uma conversa pegada, um trocar de experiências que me fortalecem na manhã que roia como um tractor gelado.

A respeito de literatura

O mito do «indivíduo puro», de psicologia absolutamente em nada influenciada pelo meio social, é um absurdo. Um absurdo imaginado por indivíduos que o meio social demasiadamente influencia.

(CONCLUÍ NA 2.ª PÁGINA)

NOVO BARCO-MOTOR

para carreiras fluviais

ENTRE MÉRTOLA E ESTA VILA

No próximo dia 29, parte desta vila com destino a Mértola num passeio fluvial o barco-motor «Mértola», recentemente construído nos estaleiros do construtor naval sr. António Pena.

A referida embarcação, de propriedade do nosso prezado amigo, sr. dr. Emygdio Lima, deve partir do cais local, com destino àquela vila alentejana.

A nova unidade, para transporte de passageiros e carga, tem 22 metros de comprimento, por 6 de largura, com um pontal de construção de 2^m,20 e 1^m,50 de lmeção. E' acoplado por um motor de 180 H. P., deslocando 90 toneladas brutas, e pode transportar 90 passageiros, sendo 24 na câmara e 66 no convés.



apresenta
UMA CRÓNICA
por semana

HA muito quem pense que todo o indivíduo deve restringir as suas despesas ao que ganha. Aparentemente têm toda a razão porque se se gasta mais do que se ganha, certamente dará mau resultado. Parece um facto consumado e lógico que não pode ter uma antítese, nem pode ser refutado. No entanto, a maioria dos indivíduos pro-

cedem, precisamente de forma inversa. A explicação do fenómeno é simples, os seus ganhos são extraordinariamente reduzidos em relação ao que necessitam para viver.

Numa sociedade como a nossa em que o nível de vida é já tão baixo e as coisas mais elementares à vida humana são muitas vezes consideradas como um luxo, ainda quando são compradas com grandes facilidades de pagamento, e

(CONTINUA NA 3.ª PÁGINA)

DRAGAGEM do Guadiana

A fim de proceder a trabalhos de desassoreamento do rio Guadiana, seguiram, há dias, para Alcoutim diversas embarcações ao serviço de dragagem da Empresa da Mina de S. Domingos.

Hermenegildo Neves Franco

Esteve nesta vila, com curta demora, de regresso de Aiamonte, onde participou na festa de confraternização intelectual luso-espanhola, a que noutra lugar nos referimos, o nosso prezado comprouvenciano, sr. Hermenegildo Neves Franco, destacada figura das corpos directivos da Casa do Algarve em Lisboa, que teve a gentileza, que muito agradecemos, de apresentar cumprimentos ao nosso jornal.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Foi a Lisboa, onde foi assistir ao acto de posse do sr. dr. José Manuel da Costa no cargo de director do «Diário da Manhã», o nosso prezado amigo sr. Virgílio Ferreira Fagundes, illustre director do Distrito Escolar de Faro e delegado do referido Diário na nossa provincia.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o sr. dr. Francisco Fernandes Lopes, distinto clínico em Olhão, e nosso prezado amigo e colaborador.

De visita a sua familia, esteve nesta vila o sr. Francisco dos Reis Aleixo, filho do nosso prezado assinante sr. Manuel dos Reis.

Com sua avó, sr.ª D. Emillana Rodrigues, seguiu para Lisboa a menina Rita Ramalheira Rodrigues, filha do nosso prezado assinante sr. Manuel Rodrigues Calafate.

Depois de visitarem a Andaluzia, partiram de Sevilha para Tanger, os nossos prezados assinantes srs. Francisco de Sousa Cardoso e Artur da Graça, que se fazem acompanhar de suas esposas, sr.ªs D. Catarina Cavaco Cardoso e Florinda Martins.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção, o nosso prezado assinante sr. António José Gomes, residente em Odeleite.

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

A falta de «sardinha» do Maine

De há quinze anos a esta parte que não se regista no golfo do Maine uma safra tão pequena de «sardinha». As fábricas, que suspenderam a laboração em 1 de Dezembro, não produziam mais de 1.230.000 caixas (100 libras 3/4 onças por caixa), o que corresponde acerca de metade da produção normal dos últimos catorze anos.

Com o fim de procurar remediar estes períodos de escassês de pesca, alguns biólogos dos Estados Unidos e do Canadá elaboraram um plano de investigação, financiado pelos governos de ambos os países, que tem por objecto fazer previsões com bastante antecipação e rigor das existências de cardumes no golfo do Maine.

Os conserveiros estão animados com esta iniciativa, que vai ser-lhes muito útil, tanto mais que os biólogos esperam dentro de

um ou dois anos, apresentar as causas da escassês da «sardinha» e do arenque.

Por que não produzimos pêlo de cabra?

Creemos que é o Algarve a região do País que tem maior número de rebanhos de cabras. Mas parece-nos que desta circunstância não se extrai o proveito devido. Dizemos isto por nos ter chegado às mãos uma publicação em que se fala em produção de pêlo de cabra e nós nunca termos ouvido dizer que no Algarve se explorasse o pêlo dos caprinos. Os maiores produtores de pêlo de cabra agora são a Turquia, os Estados Unidos e a União da África do Sul. Neste país as cabras turcas foram importadas há pouco mais de um século e a qualidade do pêlo tem melhorado constantemente, rivalizando já com o que de melhor se produz no país de origem.

Mas as possibilidades de se melhorar a qualidade do pêlo produzido na União não estão esgotadas, visto que cálculos recentes sugerem que mais de três quartos da produção total do país ainda não satisfazem os requisitos necessários para a indústria de tecelagem. Só a Inglaterra (normalmente o maior mercado importador tanto do pêlo de cabra turco como do da África do Sul), absorveu o ano passado cerca de metade da produção da África do Sul.

A produção mundial de pêlo de cabra agora aproxima-se das 16.000 toneladas anuais.

Ora sendo o clima e o solo algarvios optimos para o gado caprino, dá pena que nunca ninguém tivesse tentado criar e desenvolver essa riqueza na nossa região.

E com este dá pena pretende-se censurar o feito rotineiro e egoista da maioria dos algarvios.

A Indústria do Atum na Venezuela

A Venezuela vai começar a explorar a indústria do atum e para o efeito saiu do porto de La Guaira um barco especialmente desenhado e construído no Japão, que está dotado dos mais recentes aperfeiçoamentos, entre os quais radar e redes de pesca accionadas por força mecânica — novo processo inventado pelo Japão. A Venezuela será, além do Japão, o único país do mundo a utilizar estas redes modernas. A passagem de uma considerável emigração de atuns ao norte de La Blanquilla durante as épocas de pesca é um facto constatado pelas expedições enviadas o ano passado, e os técnicos do Ministério de Agricultura e Pecuária do Japão que visitaram a Venezuela afirmam que aquela zona é uma das mais abundantes do mundo em atum. A nova indústria destina-se a abastecer o país e à exportação. — J. B.



PROVINCIA

TAVIRA

Procição das Cinzas

Realizou-se no passado domingo esta tradicional procição com grande acompanhamento de fiéis, uma das melhores que se realiza nesta cidade, e que costuma trazer a esta terra muitos forasteiros. Pena é que não seja anunciada, com pelo menos 8 dias de antecedência, pois muitas pessoas de fora que costumam ler nos jornais nunca vêem uma notícia acerca de tal, e sim no próprio dia da festa é que recebem o jornal com a mesma o que já não dá tempo a prepararem-se.

Melhoramentos

Com prazer registamos nas colunas deste jornal o arranjo da Calçada de D. Paio Peres Correia, uma artéria antiga que é um dos acessos para o Castelo e Igreja de Santa Maria, que bem já precisava de reparação.

Igualmente, registamos com satisfação o aparecimento no Mercado Municipal, de novas balanças e desta vez aferidas. Vamos ver se se mantêm por muito tempo assim, para bem do público consumidor.

Andorinhas

Na passada quinta-feira, 14 do corrente, fomos surpreendidos com uma mortandade destas avezinhas em frente do edificio dos C. T. T. A nossa parte contámos umas catorze. Tratava-se de um bando destas aves que accossadas pelo frio que também se sente em Tavira, recolheu aos antigos ninhos que existiam naquele edificio e não puderam resistir às intempéries.

Mercado mensal

Realizou-se no passado dia 20 do corrente, com excelente tempo, desta vez, pois os anteriores não se puderam realizar por muitas chuvas que porveram. Fizeram-se excelentes transações de gados, para os compradores, mas, segundo apurámos, o restante comércio pouco negócio fez, pois muito pouca animação houve de concorrência, o que foi muito estranho.

Galinhas e ovos

Chamam a nossa atenção para a maneira como é permitida a certos negociantes do artigo, a compra para levarem para fora da cidade estes géneros de primeira necessidade. Segundo cremos há uma lei que determina que os compradores não podem levar para fora o que comprarem para negócio, senão depois das 12 horas. Porque não se faz cumprir a lei? Não está certo que com a falta de peixe se tenha de recorrer a esta alimentação, e não podermos comprar uma galinha, porque suas Ex.ªs os comerciantes, compram e levam tudo para fora. A quem de direito se pedem providências. — C.



ALFAIATARIA

José Pereira Gomes, com Alfiataria em ODELEITE, participa a todos os seus clientes, amigos e ao público em geral, que se encontra apto a confeccionar roupa para homem em todos os modelos, sob a direcção de seu filho, já há tempo diplomado.

Vende-se FURGONETA RENAULT 1951, estado de nova, bem calçada, por motivo de retirada VER E TRATAR: AUTO AVENIDA VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ODELEITE

Festival da bênção dos sinos

Fiel ao programa, a comissão de festas procurou ampliá-lo nas medidas do possível.

Mal os primeiros alvares matutinos anunciaram o dia 12 de Fevereiro começaram a soar, estrelajando, dezenas de foguetes e morteiros anunciando à população que estavam em festa.

Segue-se a missa com cânticos adequados, por grupos de raparigas. Quinze horas, chegada do Ex.ª Prelado que era aguardada pelas autoridades, figuras de destaque que aqui se deslocaram propositamente e algumas centenas de pessoas de várias categorias que receberam Suas Ex.ªs entre vivas e palmas enquanto subiam algumas girândolas de fogos de artifício.

Sendo-lhe apresentadas as boas-vindas por um filho de Odeleite Sua Ex.ª Rev.ª agradeceu e prometeu, em termos claros e convicteis, envidar os seus dignos esforços no sentido de Odeleite figurar a par das boas freguesias.

A seguir, entre alas de povo e por ruas atapetadas de alecrim, Sua Ex.ª Reverendíssima dirigiu-se ao Templo onde, em alocação expôs o significado da solenidade, para nós inédita, a que fomos assistir.

Efectivada a solenidade, foi servido um fino copo-de-água na residência do sr. João Madeira Rosa, onde usou da palavra o distinto professor sr. Alves Rufino. Mais uma vez Sua Ex.ª Rev.ª agradeceu e brindou pelas prosperidades da freguesia.

Vimos entre os convivas os srs. dr. Francisco Dias Cavaco, Jacinto de Andrade Figueiredo, vice-presidente da Câmara de Castro Marim, professores António Estêvão e Alves Rufino, rev. padre Silvério, Amândio Estêvão Horta, António Sebastião dos Santos, Manuel Vieira e o «Notícias do Algarve» representado pelo seu correspondente.

Já a hora adiantada da tarde retiraram os ilustres visitantes entre vivas manifestações de simpatia.

À noite, em casa do sr. António Sebastião dos Santos, num ambiente paternal, foi servido um chá onde tivemos o prazer de cumprimentar o rev. Joaquim da Silva Araújo, secretário particular de Sua Ex.ª o sr. Bispo, a quem estão confiadas as freguesias de Pereiro e Giões (Alcoutim).

E' nosso dever exaltar as qualidades morais dos srs. João Madeira Rosa, António Sebastião dos Santos e suas Ex.ªs esposas, respectivamente, D. Cremilde de Assunção Xavier Madeira Rosa e D. Rita Pereira Cavaco dos Santos, que com espírito altruista e progressivo em prol da sua terra natal custearam todas as despesas que as festividades anunciadas originaram. Pelos filhinhos dos mesmos senhores foi oferecido a Sua Ex.ª o sr. Bispo, uma lembrança, junto a um ramo de flores.

Donativos

Por anónimo da região de Faro, foram entregues importâncias ao nosso rev. padre Silvério que orçam por 2.500\$00.

Rectificando

Por falta involuntária, foi publicada há duas semanas com o título «Visita Pascal», uma notícia referente a esta aldeia. Na verdade, o fim único e exclusivo da visita de Sua Ex.ª Rev.ª foi a bênção dos sinos.

Carnaval

Decorreu bastante animado como há anos não sucedia. Grupos de rapazes e raparigas com trajes adaptados e entrando canções escolhidas percorreram as ruas desta aldeia dando uma nota alegre ao velho carnaval.

Nas noites de 12, 14 e 15, houve animadíssimos bailes abrilhantados pelo exímio acordeonista José de Brito.

Aniversários

Fazem anos, respectivamente, em 24 e 26 do corrente, Jacinto Filipe Madeira, Manuel Domingos e Gabriel Cesário Domingos.

Também, em 4 do corrente completou 20 risonhas primaveras, a gentil e prendada menina Zulmira G. Marques, residente em Murteira (Azinhal). — C.

PERDEU-SE

Tubadura de orquestra, pintada de várias cores, entre Tavira e Vila Real de Santo António, na noite de 19 do corrente. Pede-se a quem a encontrou a fineza de entregá-la no Café Arcada, em Tavira, ou na Barbearia Peres, nesta vila.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 18 a 24 de Fevereiro:

Entrados:

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
MURTEN, Suíço, de 511 ton., de Leixões, com carga diversa.
MEDEA, Holandês, de Brest, com carga diversa.
PORTVLIET, Holandês, de Portimão, vazio.
ALABE, Panamenho, de 1.595 ton., de Leixões, vazio.
SENGANG, Holandês, de Brest, vazio.

Saídos:

COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.
ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.
GOLFINHO, rebocador Português e o batelão «Paredo» para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 25 de Fevereiro a 2 de Março, a Farmácia CARMO, Rua São João de Brito-Telefone 31.

CONTA-GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Crítica

Bem, não é o meu forte criticar. Sim admirar.

Amar. Abrir os olhos bem de maneira que sejam claros, livres, tranquilos os caminhos que vão dos olhos para a alma.

Não, não é o meu forte.

Sentindo uma inquietação em busca de asas, vendo uns olhos que tentam ver mais longe; pressentindo mãos tímidas esboçando uma dádiva, já depois, criticando sou sus- [peita.

Um súbito pudor me paralisa como se a fonte de água amável fosse por fim ralhar-lhe censurando-lhe, o ser áspera e fela a sua boca.

Menino mascarado

Vi sair de uma fotografia o menino vestido à hussard. A mãe dele que ao lado seguia sorria vendo o filho vestido à hussard. Cismei, inquieta. O tempo corria sobre a mãe e o menino à hussard. Ela, por certo, feliz vivia.

Sorria... Era o filho um autêntico hussard!

A guerra, esse monstro! A mãe [que eu via

ao pé do seu menino à hussard, velha de luto já não sorria.

Tremia...

Do filho resta a fotografia de um menino vestido à hussard,

«Parce que le rire est le propre de l'homme.»

Gosto das pessoas que riem. Das que riem mesmo alargamente, com a boca toda, de alma totalmente escancarada. Um sorriso domesticado, frouxamente pendurado dos lábios como ponta de cigarro mal acesa, denuncia — é o termo — um íntimo sórdido, frio, desumanizado. Uma cisterna onde o sol não desce mais de um palmo.

Estou a recordar-me, especialmente, da M. A. Para ela, todo o gracejo, todo o humor, vale o mesmo; uma nega mal aberta, dificilmente aberta nos lábios finos. A boca da M. A. nesses curtos instantes, recorda uma lata de conserva que mão inábil não se atrevesse a abrir sendo um quase-nada.

Maria Manuela Nunes

CINE-CLUBE

No próximo dia 28 do corrente, pelas 21,15 horas, promove o Cine-Clube desta vila a sua 7.ª sessão.

No programa elaborado exibem-se os seguintes documentários: Principio da Locomotiva a Vapor; A História da propulsão por jacto; O distrito montanhoso do País de Gales; Erupção do Etna e Donald e as formigas, e para finalizar a sessão o magnífico filme do conhecido realizador americano Fritz Lang «Desejo Humano».

O filme «Desejo Humano» é inspirado nas linhas gerais do livro «A Besta Humana» de Emílio Zola, e é em si todo um filme de fundo psicológico, onde as imagens fixam-se no écran, reveladoras dos estados de alma das personagens.

CALENDÁRIO FEVEREIRO

Cá estamos outra vez, fiéis ao prometido, a falar sobre o mês, fixando o ocorrido; é Fevereiro, o miúdo, a quem agora calha, portador do Entrudo e toda a sua tralha.

A praga a que, em geral, chamamos Carnaval, nome que faz supor paródia colossal, deixou de ser, há muito, a folia primeira, para se transformar em triste chuchadeira,

Pelo menos de dia. A terça-feira gorda não passou, entre nós, de uma insípida «açorda», na deserta Avenida, e mesmo junto à Praça, ninguém foi lobrigado a dar um ar da graça!

Outra feição mostrou o Carnaval, de noite, que na massa clubista há sempre quem se afoite! Fale, em boa justiça, o velho Lusitano, onde a magna «Molero» entrou a «todo o pano».

No celebrado Glória, a moderna «Brasil», deixou rasto na história, em mambos trinta mil e a vizinha «Guadiana», um pouco menos prática, «banhou», pela semana, a excelsa Democrática...

Durante a noite, enfim, tudo contribuiu, para ofertar à quadra o brilho que se viu, mas não nos larga a mente a pobre sinfonia que tocou, para a gente, o Carnaval, de dia...

Chegavam-nos, porém, os ecos do banzé de diurna festança, em terras de Loulé; nasceu então, fremente, a decisão heroica que o frio da ocasião elevaria a estoica:

Quatro horas depois da hora combinada abalou, cá do sítio, a excursão pensada; tanto se desculpou, o tal camionista, que nem nos ocorreu chamar-lhe vigarista!

Em Loulé, desde logo, as Bodas deram brado, não lhes faltou, sequer, certo sabor doirado, e para que, adiante, ensejo não nos falte, citemos, a abrir, o Rancho Infantil de Alte:

Plenos de encanto e jeito, as moças e os mocinhos bailaram, a preceito, os nossos corridinhos, as palmas, os olés, ouvidos a miude, diziam do primor daquela juventude!

Agradou-nos também, sem sermos lisonjeiros, o conjunto nortenho, os destros Pauliteiros, seu traje pitoresco, a agilidade inata e o modo de dançar o vira, à acrobata...

Para alguns, todavia, a nota soberana esteve no gosto posto em cada carripana! E eis aqui, retratado, o Fevereiro sem brio que esgotou a manteiga e trouxe maior frio...

B. DE CASSIM

FILTRO PARA AZEITE
(usado), tipo «CAPILLERY»
Vendem: ILÍDIO PANINHO, LDA.
SETUBAL

Uma crónica por semana

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

basta citar, à laia de exemplo: o frigorífico, o calorífero, a banheira (agora mais divulgada nas construções modernas), o esquentador, uma pequena biblioteca (quantos são os portugueses que as têm?) e, porque não?, as luvas de pele, o sobretudo, os botins, as peúgas de lã, etc., como poderá cada um gastar apenas aquilo que ganha, se, as mais das vezes, esse pouco nem sequer chega para uma alimentação razoável, para não dizer racional e indispensável? De resto, só através de uma boa alimentação poderemos ambicionar uma raça forte e saudável.

Para aqueles que possam viver sem dificuldades, a afirmação de que se deve gastar somente em relação ao que se ganha poderá ser cómoda e fácil, mas certamente a encarariam de forma inversa se lhes estabelecessem um ordenado de 1.500\$00 para sustentar o agregado familiar (ele, mulher e dois filhos, o mais vulgar), pagar renda de casa, a luz, a água, o gás, comprar o vestuário e o calçado, pagar ao médico e os remédios, ir ao cinema, ao teatro, ao futebol, a um concerto, à ópera — mesmo sem trajo a rigor —, e deslocar-se de «eléctrico» para o seu emprego. Já não quero falar em procurar ter uma casa decente, modestamente mobilada mas que pudesse proporcionar-lhe, e à sua família, um ambiente acolhedor, onde apetecesse permanecer, em cavaqueira amena eu em meditação e estudo.

Haverá alguém, cheio de preocupações financeiras, procurando descobrir como governar a nau da sua vida, que seja capaz de se sentar comodamente num simples «maple» de pau, sem estofos, e embrenhar-se em leitura atenta de um bom livro? Haverá quem, nas condições apontadas, seja capaz de se sentar à sua secretária para escrever algo que seja útil a si e aos seus semelhantes? Deixará este indivíduo de ser egoísta, de se preocupar só consigo, para dedicar-se aos seus irmãos, os homens?

Não creio, francamente. Não vejo como será possível. Portanto, o que cada indivíduo necessita é sempre aquilo de que precisará para viver sem alarde, mas viver, simplesmente, e mais aquilo de que necessitará para assegurar a sua cultura, a velhice, uma situação segura para os seus e uma boa educação para os filhos.

De pensamento em pensamento poderemos chegar ao que se poderá supor um círculo vicioso, uma cadeia que não é possível quebrar. Se vamos dar a cada indivíduo o que ele precisa, teremos que aumentar o custo dos bens produzidos e aumentando o custo de vida voltarão a ser escassos os ordenados. Será assim, de facto? Tenho pena de não ser economista para achar uma solução científica para o caso.

De facto, porém, de ser «homem da rua» não deverá inibir-me de aventar a solução, ou conjunto de soluções, que se me antolham viáveis, ou com certas probabilidades de êxito.

O que haveria, provavelmente, a fazer desde já seria desonerar a produção dos encargos desnecessários que a subjagam e asfixiam. Simultaneamente intensificá-la de tal forma

que a abundância fizesse reduzir sensivelmente o preço dos produtos de maneira a colocá-los ao alcance do poder de compra. Claro que a intensificação da indústria e da agricultura tem de ser racional, metodizada, para que se consiga realmente o seu embaratecimento, que não deve ser condicionado à lei da oferta, mas sim a um plano e a uma orgânica de produção que seja intrínseca e realmente barata, isto é, que o produto fique, de facto barato e não que a entidade produtora fique sem o seu justo lucro. Só assim se conseguirá prosperidade real e riqueza efectiva.

Poderemos, assim, estabelecer o círculo:

Maior produção — mais baixo custo — maior venda — maiores lucros — maior remuneração — maior poder de compra.

A par da solução deste primeiro problema, haveria que racionalizar e embaraçar os meios de transporte, acabando com todos aqueles que fossem dispendiosos ou contra-indicados. Intensificar-se-ia ainda mais, se possível, a acção do Governo no aproveitamento da energia hidrica. A electricidade, transformada em força é sempre um elemento indispensável para o barateamento da produção e dos transportes, com a proveitosa abolição, se fosse desnecessária, da importação de carvões.

Teríamos que pensar também numa sensível baixa no custo dos terrenos para construção e respectivos materiais, para tornarmos em realidade, com eficientes probalidades de êxito, habitações higiénicas e económicas. Temos que pensar a fundo em que a renda da casa absorve, hoje em dia, o melhor dos magros ordenados dos portugueses.

Como medida para assegurar o primeiro caso (baixa no custo dos terrenos), acabar-se-ia com os espectaculosos leilões, que só a uma entidade, verdadeiramente, aproveitam, e procurar-se-ia cedê-los por um preço justo, não aos construtores oportunistas, mas àqueles cuja seriedade de trabalho e de processos estivesse ou pudesse ser confirmada. Os seus lucros ou perdas exageradas dariam lugar a uma compensação justa do capital e do trabalho empregado nas edificações.

Conseguidas estas primeiras conquistas, fácil seria procurar obter outras que visassem o mesmo fim, a elevação do nível de vida e consequente bem estar para todos

José dos Santos Marques



Agradecimento

A Família de Jaime João de Deus, na impossibilidade de poder fazê-lo pessoalmente, por insuficiência de endereços, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e bem assim às que o acompanharam à sua última morada.

MOAGEM DE CEREAIS

em PEREIRO-Alcoutim

VENDE OU ALUGA:

Francisco Simões

Secção de Finanças - SILVES



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional da III Divisão (Zona D)

No passado domingo efectuou-se a 5.ª e última jornada da primeira volta do Campeonato Nacional da III Divisão tendo-se verificado na zona D, 8.ª série os resultados que se seguem:

NO CAMPO «FRANCISCO G. SOGORRO»

Lusitano, 1 — Serpa, 1

O jogo do passado domingo entre os guias da 8.ª Série do Nacional da III Divisão, pode dizer-se, não correspondeu à expectativa. O futebol praticado foi muito pobre, atendendo-se mesmo ao facto de se tratar de um pleito da última categoria da nossa organização futebolística.

Ambas as equipas teimaram em fazer as suas progressões com a bola no ar, donde resultaram sucessivas jogadas de choque e disputas de corpo-a-corpo. Os esforços pessoais subrepuseram-se ao pensamento de uma acção conjunta e, quando assim sucede, o espectáculo perde toda a sua beleza. A estratégia consubstanciou-se fundamentalmente na iniciativa pessoal dos elementos em jogo, os quais nunca revelaram possuir o número mínimo de predicados técnicos necessários a tal sistema.

Por já termos visto as duas equipas contendoras, em jogos anteriores, traçarem esquemas reveladores de melhores possibilidades, podemos concluir que ambas actuaram muitos furos abaixo do seu verdadeiro valor. As melhores equipas têm tardes de «penumbra» e às de menor categoria, temos, forçosamente, de tolerar jogos de qualidade inferior ao seu rendimento normal.

Deste modo, o empate pode ser recebido como justo castigo ao mau rendimento das duas equipas.

Porém, se uma tivesse de vencer essa não poderia ser outra que a do Lusitano, atendendo ao maior domínio territorial exercido e ao maior número criado de oportunidades de golo.

O intervalo chegou com os visitantes em vencedores por 1-0, tendo o ponto sido marcado por Teixeira da Silva a 10 m do início. O empate surgiu a 7 m do final, quando o Lusitano atacava intensa mas desordenadamente. Amílcar foi o marcador, após um lance de insistência pelo meio do terreno.

As equipas alinharam:
LUSITANO: Ramos; Toni, Pescada e Viegas; Padesca e Lopes; Amílcar, Marco, Modesto, Araujo e Fernando.

SERPA: Garcia; Eduardo, Caetano e Sidónio; Osvaldo e Ferreira, Picalta, Courela, Teixeira da Silva, Cecilio e Pacheco.

Silves, 2 — Despertar, 0

Bom triunfo silvense frente ao Despertar, que com esta derrota viu comprometidas as suas aspirações quanto à classificação final.

S. Domingos, 3 — Esperança, 3

O empate alcançado pelo Esperança frente ao S. Domingos, pode considerar-se bom se atendermos a que foi obtido no campo do adversário.

S. Salas

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J	V	E	D	B	P
Serpa	5	3	1	1	14	5
LUSITANO	5	3	1	1	10	5
Despertar	5	2	1	2	5	6
Silves	5	2	—	3	6	8
S. Domingos	5	1	2	2	7	15
Esp. Lagos	5	1	1	3	9	12

MÁQUINA DE LIMPAR LATAS

(usada), utilizando casca de arroz, aparas ou serradura

Vendem: ILÍDIO PANINHO, LDA. - Setúbal

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

C. SANTOS LDA.

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TEM O PRAZER DE COMUNICAR A ABERTURA DAS SUAS INSTALAÇÕES NA RUA JACINTO JOSÉ D'ANDRADE, 1 E CONVIDA OS SEUS EX.^{MOS} AMIGOS E CLIENTES A VISITAR A SUA EXPOSIÇÃO

DE

MOTORES MARÍTIMOS, SONDAS, RADAR E RADIO-TELEFONES E VÁRIOS EQUIPAMENTOS PARA BARCOS DE PESCA

BRILHANTE FESTA EM AIAMONTE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

gues, professor de arte e arabista distinto; dr. Fernandes Lopes, de Olhão; dr. Magalhães, professor de Literatura do Liceu de Faro; consul de Espanha em Faro, sr. Suárez de Puga; o agente consular nesta vila, sr. Lopez Tejero, etc.

Visitaram detalhadamente os templos paroquiais de S. Salvador e das Angústias e os aspectos mais típicos da cidade. Dirigiram-se, a seguir a um restaurante regional onde teve lugar um almoço de fraterno camaradagem.

Aos brindes tomou a palavra em primeiro lugar o ilustre Alcaide aiamontino sr. Martin Navarro para dar as boas-vindas às brilhantes representações de Sevilha e de Portugal, que escolheram como lugar para esta reunião a encantadora e pitoresca cidade de Aiamonte.

Em continuação, o sr. Beça Mateo, em nome do Ateneu de Sevilha, agradeceu vivamente a maneira cordial como tinham sido recebidos e explicou o alcance destes actos de extensão cultural, que são «salidas del Ateneo, quijolescas, dirigidas unas veces a Osuna para allí hablar de Rodriguez Marín

OS NOSSOS ASSINANTES

Informamos que, estamos procedendo à cobrança das assinaturas referentes à 14.ª série, e também de algumas que estão em atraso.

Agradecemos o seu bom acolhimento.

A devolução, sem pagamento, representa para nós um prejuízo grande, sem vantagem para ninguém.

Os que, por qualquer motivo, não possam pagar ao correio, é favor enviarem depois a importância da assinatura, por vale ou outro meio seguro.

Entre os nossos assinantes do nosso Império Ultramarino, e bem assim aos do estrangeiro, pedimos a fineza de nos enviarem o valor da sua assinatura, visto a dificuldade de cobrança.

Preço de assinaturas:

Continente	
Séries de 10 números	95\$90
» » 20 »	195\$90
» » 50 »	495\$50

Ilhas e Colónias Portuguesas	
6 meses	285\$80
Um ano	575\$60

Estrangeiro	
Um ano	905\$00
Pagamento adiantado	

e outras a esta fronteira para referir-nos a Al-Motamid».

O sr. José Andrés Vazquez disertou sobre a rota Algarve-Andaluzia, que detalhadamente já percorreu, encontrando nela, junto «al jardín de flores e História que es el Algarve, remembranzas musulmanas por todas partes».

Arrancando de Silves, residência de Al-Motamid, y passando por Tavira, la ciudad que ganó Pelayo Perez Correia, se ven por todas partes esas chimeneas algarvias, que tienen traça mourisca y no se cansan los ojos de mirar bellezas».

Falou depois o consul de Portugal em Sevilha, dr. Oliveira da Silva que se referiu ao conceito de «saúde» e afirmando que só os portugueses e os galegos sabem interpretar profundamente o sentido humanista que tem esta palavra.

«Eu cheguei a Espanha, disse, a 13 de Junho de 1955. Na vida vamos deixando por aí, pouco a pouco, o nosso coração e eu em Aiamonte deixei parte do meu.

É preciso que nesta hora crucial para o mundo, Espanha e Portugal se unam para defender o património espiritual das duas linguas mais representativas da cristandade. É necessário que os intelectuais de Portugal conheçam a Espanha e que os intelectuais espanhóis conheçam Portugal, e façam vozes, — terminou — para que esta simples reunião tenha uma repercussão mais ampla em Silves e em Faro.

O sr. dr. Garcia Domingues, professor de Arte em Lisboa e arabista ilustre, ofereceu uma minuciosa referência histórica do monarca Al-Motamid, entregando um primoroso opúsculo sobre a vida do mesmo monarca ao presidente do Ateneu de Sevilha e sugerindo uma festa comemorativa baseada na representação teatral de alguma obra sobre o dilatado viver do dito rei mouro.

Por último o dr. Fernandes Lopes, erudito incansável sobre estudos árabes, fez uma ampla exposição sobre as circuntâncias históricas que rodearam a época de Al-Motamid.

Terminado o acto, as destacadas personalidades dirigiram-se para esta vila, onde se despediram das personalidades portuguesas que assistiram a festa comemorativa, regressando os ateneístas a Sevilha ao cair da tarde.



Agradecimento

A viuva e filhas de Joaquim Sabino, agradecem penhoradas a todas as pessoas que se dignaram assistir ao funeral do saudoso finado e, restando incorrer em qualquer falta, embora involuntária, manifestam o seu perdurável reconhecimento a todos os que por qualquer forma demonstraram o seu pesar.

CASAS

Vendem-se duas, na praia de Monte Gordo, com 7 e 8 divisões, quintal e quarto de banho. Frente para o Casino e R. Francisco de Almeida. Dirigir a Manuel Carraro — Monte Gordo.

NÃO quero afirmar que o maior frio de todos os tempos, na nossa vila, tenha feito há dias. Pessoa minha amiga, de toda a confiança, afirmou-me, há pouco, que fez 6.º negativos!

—Espanto-me como é possível tanta frialdade, neste recanto sul do nosso País! Mas a afirmação categórica não deixava lugar para dúvidas.

—Sim, o termómetro marcou seis negativos!

Foi ali para as bandas da Estação dos Caminhos de Ferro que tal frialdade foi observada. Na madrugada de terça-feira de carnaval, pelas 6 horas, o frio atingiu a que pode ter chegado no Algarve — talvez em todos os tempos!

Segunda, terceira vaga de frio, consecutiva atormentou, e atormenta a Europa. O nosso país não foi poupado. Não podia ser poupado ao rigor deste Fevereiro amaldiçoado por muitos milhões de bocas sofredoras. Mas entre o que se tem verificado de prejuízos materiais e humanos, lá fora, e o que por cá tem havido, há uma diferença enorme a nosso favor.

Oxalá que Março venha desfazer as impressões de desolação deixadas por este terrífico mês — que em todos os anos deixa marcado a sangue e dor a sua passagem.

A firma C. SANTOS, LDA. de Lisboa

inaugurou um Stand de vendas nesta vila

A importante firma lisboeta C. Santos, Lda., acompanhando de perto o sempre crescente desenvolvimento da nossa frota pesqueira e das diversas actividades industriais desta vila, abriu ao público, na rua Jacinto José d'Andrade 1, um Stand de vendas de motores e aparelhagem eléctrica, onde será prestada, também, assistência técnica.

Ao acto inaugural, para que foram convidadas numerosas entidades locais — e, entre elas, o rev. Prior Galhardo, com. Luis de Figueiredo, industriais armadores, construtores navais, etc. — assistiram os srs. Conde de Caria, sócio-gerente da firma, e engs. Fernando Azevedo e João Tito, que, seguidamente, ofereceram aos seus convidados um vinho de honra no Hotel Guadiana. Trocaram-se amistosos brindes entre o rev. Prior Galhardo e o sr. Conde de Caria, em que se salientaram as actividades progressivas da nossa terra.

O «Notícias do Algarve» agradece a gentileza do convite e deseja ao novo estabelecimento local as maiores prosperidades.

«A Escola Nova»

Com o seu número de 13 do corrente, entrou no 7.º ano de publicação este nosso prezado colega de Faro, propriedade da Associação dos Alunos da Escola do Magistério Primário daquela cidade.

À «Escola Nova» e aos seus dedicados colaboradores enviamos os nossos cumprimentos de felicitações, com votos de muitas prosperidades.

O desenvolvimento industrial DA NOSSA TERRA

Como consequência natural da acentuada actividade industrial de Vila Real de Santo António, verifica-se grande euforia na modernização das instalações fabris. Assim, a firma Norberto Bento Domingues & C.ª começou a construção das suas novas oficinas de metalurgia nos terrenos que ficam por detrás da Electro-Fábrica. A Fábrica Guadiana está a introduzir grandes melhorias nas suas instalações e a Luso-Fábrica, o estabelecimento industrial mais activo da nossa terra, procede à primeira fase da ampliação da sua fábrica, que compreende um extenso armazém ligando as antigas instalações ao velho quintal que lhe fica próximo.

Vai também ser construído um novo plano inclinado junto do posto fiscal da Ponta da Areia, visto os actuais planos serem insuficientes, e tanto assim que a traneira «Maria Rosa» teve que recorrer ao plano inclinado da vizinha cidade de Aiamonte.

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

Noticias do Algarve

SEMÁRIO REGIONALISTA

Sobre as Minas de Alcoutim O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

[CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA]

ceiramente idónea para iniciar um período de activa exploração. Desta maneira, em 9 de Janeiro de 1860, foi-lhes concedida uma licença para exploração de 200 toneladas de minério, quantitativo requerido para servir «como amostra — diz-se no requerimento — para no estrangeiro se fazerem os ensaios e experiências, que se não podem efectivar no dito concelho...». E com data de 26 de Janeiro existe um relatório, relativo às condições de exploração, assinado por um engenheiro francês da Escola de Ste. Etienne. Isto pode ser um sintoma de que, nessa altura, já D. Luís Alexandre de Bache, comerciante francês, residente em Cádiz, andava meio tentado a comprar os direitos sobre a concessão da mina.

Ao certo, Bache adquiriu esses direitos segundo uma escritura, feita em Alcoutim, a 15 de Fevereiro de 1860. À face desse documento, ele obrigava-se a explorar anualmente 18.000 quintais de minério, e a pagar aos descobridores 9 réis, em dinheiro espanhol, por cada quintal de minério posto à boca da mina.

Após este contrato, um tanto ou quanto optimista, Bache passou a figurar em todos os pedidos oficiais, sendo-lhe dada a concessão provisória, no «Diário do Governo» n.º 122 de 29 de Maio de 1860, e a concessão definitiva, no «Diário do Governo», n.º 194 de 27 de Agosto do mesmo ano.

E aqui fica satisfeita a primeira dúvida do meu querido amigo José Barão: «O primeiro concessionário e explorador de Corte Pereira foi o francês Luís Alexandre de Bache».

A mina de antimónio teve, nesta altura, a sua época mais florescente, que foi de curta duração por virtude da situação económica do concessionário. Em meados de 1861 a exploração parou ficando os trabalhadores no desemprego e, até, desfalcados de muitas semanas de salário. Contra Bache corria, em Cádiz, um processo de falência de que era autora a firma Colon, daquela cidade. Os bens do falido, móveis e imóveis, estavam sequestrados, e em Alcoutim corriam boatos ora animadores, ora desanimadores. O ambiente era de incerteza e... os descobridores sentiam-se lesados pela falta do minério à boca da mina, o tal minério que lhes haveria de render, cada quintal, 9 réis em dinheiro espanhol!

Nesta altura, em que a vibora do interesse mordida no fundo dos mais bem intencionados pensamentos, entrou em acção o engenheiro espanhol D. Miguel Angel de Leon — o tal «paxá sertanejo» que a tradição oral apresenta com o nome de «Miguel de los Angeles».

D. Miguel trabalhava em Mértola por conta do padre Patrício Bernardo Russel — um inglês que explorou imensas minas em Portugal. Mas, por motivo de zangas com o patrão, o espanhol mudou a residência para Alcoutim e, uma vez aí, entrou na intimidade dos descobridores da mina de Corte Pereira que, conforme já dissemos, andavam desesperados com a paralisação da lavra. Maquiavelmente, o nosso «paxá» aticou o descontentamento contra o falido Bache mas... às ocultas, ofereceu a este os seus serviços gratuitos, decerto no sentido de lhe captar a confiança e a amizade. O estratagem resultou. Bache ficou tão sensibilizado e entusiasmado com certo relatório do engenheiro espanhol que, chamando este a Cádiz, fez com ele uma escritura de arrendamento da mina pelo prazo de 9 anos. Na realidade tratava-se de uma trama feita decerto com o intuito de ludibriar os seus crédores.

D. Miguel Angel de Leon regressou a Alcoutim com um documento que o colocava como senhor absoluto da mina, além de 200 libras destinadas ao pagamento dos salários que Bache ainda não tinha pago. Estas libras, segundo rezam os documentos, gastou-as o espanhol em seu proveito com o argumento de se pagar dos tais trabalhos que prometera fazer gratuitamente! Pagava-se bem o tratante!...

Entretanto, Bache apercebeu-se de que estava lidando com um vigarista e... como o arrendamento era fictício, decidiu-se, por fins de Julho de 1861, a vender a mina a D. Vicente Belarrôa, informando desse facto os antigos descobridores em carta de 27 de Julho de 1862. O ardiloso D. Miguel ficou descoberto e posto de lado pelos seus amigos que, então, pensavam constituir a «Sociedade Descobridora da Mina de Anti-

mónio de Cortes Pereira», a quem Belarrôa pretendia passar os direitos de exploração. Nesta altura D. Miguel usou «chantage» para assegurar a sua comparticipação na aludida sociedade. Desta maneira dirigiu-se a Lisboa e de posse duma procuração do marechal Saldanha ameaçou promover o abandono da concessão, facto que a lei de 1852 previa no caso de minas com lavra paralisada. «Chantage» pura, com a qual obteve a promessa de 40 títulos na futura sociedade, que se veio a constituir em 2 de Agosto de 1864, tendo como sócios Manuel José da Trindade Lima, António José Madeira de Freitas Júnior, Justo António de Torres, António José Madeira de Freitas Sénior, Pedro José Rodrigues Teixeira, Manuel António de Almeida, José António de Torres, João José Viegas Teixeira e... o habilidoso D. Miguel que, como técnico, dirigia os trabalhos mineiros com devaneios de «paxá».

Debaixo da inspiração desta sociedade a mina iniciou um novo período de lavra. Porém, como D. Miguel não pagava ao pessoal o administrador de Alcoutim embargou a saída do minério. Levantou-se um violento conflito no qual tomou parte o próprio governador civil que, por sua vez, impotente, se queixou ao Governo, acusando D. Miguel de ter usado de «termos descomedidos e injuriosos para a autoridade». Nesse officio o chefe do distrito fala duma conferência «na qual, com quanto me respeitasse (o D. Miguel), deu indícios dum carácter, pouco conveniente para com a autoridade...»

Era de boa força, o espanhol!... Desconhece-se, ao certo, o desfecho desta questão. Parece que a autoridade acabou por transigir na saída do minério, em troca de um depósito monetário igual a 1/3 dos salários em atraso. Esta solução, pelo menos, impediu que a lavra parasse mais uma vez, e deu ânimo aos exploradores locais que negociaram com Vicente Belarrôa sobre a legalização da mina.

Era preciso fazer uma transmissão.

Para efeito dessa transmissão a Sociedade Descobridora da Mina de Antimónio de Cortes Pereira, passou uma esponja sobre o negro passado de D. Miguel Angel de Leon e... nomeou-o seu procurador em Lisboa. Este aceitou o cargo exigindo 1.200 escudos para as despesas e 140 títulos da sociedade os quais — dizia ele — lhe eram precisos para apresentar os funcionários encarregados de darem andamento ao processo. Era outra vigarice! O dinheiro meteu-o ao bolso argumentando que Bellarrôa nunca lhe pagara os ordenados de director técnico! E os títulos serviram-lhe para aumentar a sua preponderância em relação aos demais sócios. Estes queixaram-se ao Governo. Mas, como ao tempo ainda não havia Tórel, o nosso herói voltou sossegadamente a Alcoutim onde se manteve, soberano, até pelo menos 1868. Os documentos nada dizem sobre a sua morte. Mataram-no? É provável que a tradição oral seja rigorosa nesse ponto.

Quando à mina, sabe-se que a firma Soares & Sobrinho a arrendou por 99 anos contados a partir de 6 de Março de 1865. Em 6 de Novembro de 1878 tinha a lavra parada, existindo, dessa data, um documento em que o eng. Costa Sequeira propõe ao Governo o abandono da concessão. Apesar desta proposta Cortes Pereira continuou na posse de Soares & Sobrinho, que a sub-arrendou a James Henry Hoyle. Este manteve-a inactiva até 1925, ano a partir do qual deixou, mesmo, de satisfazer o encargo do imposto mineiro.

Nessa altura a Fazenda Pública, sentindo-se lesada, pôs a concessão em praça. E, como ninguém a quisesse, colocou-a no abandono em Novembro de 1932. Paramos aqui. O resto é história moderna, que toda a gente de Alcoutim sabe na perfeição.

J. Silva Carvalho

«VIDA E MORTE DE ESPANHA NO SÉCULO XVI»

[CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA]

víncia, dr. José Correia do Nascimento, e o tenente-coronel Manuel Madeira Júnior.

Aberta a sessão pelo sr. governador civil, tomou a palavra o sr. cônsul de Espanha, para apresentar o conferente. O tema genérico do conceito de cultura, como sumula de três elementos, foi a tese da apresentação.

Logo a seguir tomou a palavra D. Manuel Garcia Viñolas para pronunciar a sua conferência sobre «Vida e Morte de Espanha no século XVI», cuja síntese vamos expôr em breves traços.

Quanto ao método disse o orador que fugiria a ver as coisas por seus perfis directos, para melhor as estudar em seus contornos no meio que as rodeia.

Quanto aos factos, explicou que tão verdade histórica são as relações dos acontecimentos, como a dos sonhos humanos, uma vez que toda a obra perdurável se havia protegido mediante o prévio desdobraimento da mentalidade do autor das circunstâncias que a embaraçam ou impedem.

Só no século XIV, expôs o conferente, aparece a Morte como ser habitual na iconografia e na literatura. Anteriormente nunca se tinha representado pictoricamente a Morte, nem tinha tampouco adquirido patente na personagem literária exclusiva, embora tivesse participado como comparsa, juntamente com outros.

A Morte apareceu em Itália, depois das grandes pragas que assolaram a Península Itálica e o nascimento constituiu um sentido de reivindicação social, um ca-

rácter igualitário, a única reivindicação social possível no Estado medieval.

Porém, o Renascimento afastou-se de novo do horizonte intelectual europeu. O Renascimento, com a sua explosão de carinho pela vida e pela beleza, relegou de novo a Morte para as profundidades do olvido na mente de artistas e escritores. Não obstante a Morte estava ali e não se tinha afastado muito, então segundo o conferente, aparece a ideia da morte na Espanha como uma seta honrosa por um lado e um descanso por outro. Surge o desprezo do medo da morte, temos que matar a morte, segundo oportunas citações que o orador extraiu dos clássicos do Século de Ouro espanhol, e por outro lado temos que desejá-la como repouso e felicidade eterna, tal como o reflectem os místicos da mesma época.

Porque a vida não passa de um sonho que conduz à morte honrosa e a tempo. Esta é mais necessária que uma vida continuada e obscura. A vida, portanto, era na Espanha do século XVI, uma elevação até encontrar, na tese do sr. Garcia Viñolas, uma morte certa. E' este o rio obscuro que devemos atravessar e bem acompanhados por um comeco acertado da travessia. O espanhol, disse não era nem um Fausto que condena a sua própria alma para prolongar a existência, nem um Werther que se anula no suicídio. Ambas as personagens são estranhas à sua literatura.

No final o sr. Garcia Viñolas foi largamente aplaudido pela assistência.

Encerrou a sessão o sr. governador civil.

[CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA]

-se à consciência das pessoas que nesta terra têm dinheiro a apodrecer ou investido a juro baixo, onde vai alojar-se essa gente que tem que vir para cá. Já não se pergunta onde vai habitar o pessoal técnico que vem trabalhar na abertura da doca porque o problema foi resolvido pelos empreiteiros. Verificando que não era possível arranjar uma casa nesta terra, resolveram construir seis casas no bairro operário, circundância que a Câmara aproveita para construir também mais oito casas. Mas isto é uma gota de água no oceano.

Quarenta ou cinquenta famílias, número que tende a aumentar, continuarão a viver em quartos ou em miseráveis espeluncas que não abandonam porque não encontram casas em melhores condições de habitabilidade.

Não se compreende este retraimento na construção. Há quem argumente que edificar aqui é caro, mas o argumento não colhe porque não corresponde à verdade.

Enquanto em Lisboa, que de modo nenhum se pode pôr em paralelo com Vila Real, o capitalista se contenta com o juro de 6%, aqui quer pagar-se uma edificação em dez anos! E há quem esteja a obter um juro de 10%, de modestas casas, construídas há pouco tempo!

Queixam-se algumas pessoas que o Município está a levantar dificuldades à construção, em consequência do rigorismo do plano de urbanização. Não sabemos até que ponto estas queixas correspondem à verdade; também não sabemos se na elaboração desse plano se teve em conta as condições ambientais vistas à luz da realidade e não de fantasias delirantes. E' certo que temos que defender a estética local pois Vila Real não é uma aldeola; pelo contrário, as suas possibilidades de progresso e expansão são notórias até mesmo para aqueles semicegos de entendimento e obtusos de cerebração. Mas parecem-nos que, em certos casos, devia adoçar-se o rigor do plano em benefício da expansão urbana.

Por todo o país e em terras sem a importância da nossa, se encontram novas edificações e bairros construídos pelas Câmaras, Misericórdias ou organismos do Estado. Chega-se até a construir demais, como já se verificou em Faro e em Olhão onde estão vazias algumas dezenas de casas dos bairros ali edificados. E aqui, onde tantos precisam de casa, pouco se constroi, havendo autênticas corridas mal se presente que alguma habitação vai ser desocupada. Dai o pagar-se hoje por casas antiquadas e sem comodidades, 450\$00 e 500\$00 de renda.

Conversando, há dias, sobre o problema habitacional da nossa terra com o sr. dr. Veiga de Macedo, illustre ministro das Cor-

O orador foi ainda pessoalmente muito cumprimentado pelos professores e autoridades presentes.

porações, disse-nos este membro do Governo que o caso de Vila Real de Santo António tinha sido abordado na sua visita ao Algarve, mas não se chegou a concretizar nada acerca da construção de um bairro, em consequência da entidade municipal responsável não ter definido claramente a sua opinião sobre tão importante problema. Está a ser feito um inquérito no Algarve no sentido de se construírem casas nas vilas ou cidades onde sejam mais prementes as dificuldades de habitação. Esperamos que a nossa Câmara saiba estar à altura das circunstâncias e consiga que se edifique na nossa terra o número de casas suficiente para alojar os que carecem delas e que os não obtêm hoje, nem a rendas elevadas, porque não as há.

E já agora não será demais solicitar medidas drásticas para acabar de vez com as ruínas — montureiras que emporcalham a vila, envergonham os seus habitantes e não favorecem o prestígio da edilidade. Não se compreende que passeando as carroças do lixo diariamente as nossas ruas, não tenham ainda levado para a montureira municipal esses despojos vergonhosos de um desleixo imperdoável. Estamos certos que a população em peso dá o seu apoio à edilidade na operação de limpeza que se impõe e que não admite mais delongas. E há tanto para limpar nas ruas desta terra!

Se os particulares, abusando de um receio incompreensível, falhos de visão e débeis de palpite, não constroem, aproveitem-se as facilidades que os organismos estatais concedem para se edificarem casas, para se fixarem famílias cujos chefes têm que percorrer diariamente dezenas de quilómetros e para se valorizar urbanisticamente e economicamente Vila Real de Santo António. Assim, conservando montureiras, criando embaraços a quem quer edificar ou melhorar as suas casas e não diligenciando dar incremento à construção, não passaremos desta estagnação lacustre, desta pasmaceira e deste desinteresse de que não é digna uma terra linda como a nossa e em acentuado progresso. — J. B.

Campanha Nacional de Educação de Adultos

Acompanhado do Delegado Escolar de Vila Real de Santo António, visitou nos dias 13, 15 e 16 do corrente, alguns cursos deste concelho e o curso da Casa do Povo de Castro Marim, o sr. professor Araujo Ferreira, chefe dos Serviços Culturais da Campanha, no nosso distrito.

Visado pela Comissão de Censura

NÃO HESITE Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos PREFERA A TIPOGRAFIA SOCORRO FÁBRICA DE CARIMBOS Telefone 69 Apartado 3 Vila Real de Santo António

Assinal e propagal «Notícias do Algarve»